

Fernando Molica

Marquinhos vai ao passado e joga no futuro

“Agbo ato”, novo álbum do cantor e compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz, é um ótimo contraponto a uma questão que vem sendo enfatizada pelo também sambista Chico Alves: a dificuldade de renovação do gênero, principalmente em sua forma mais ligada à tradição que lhe deu régua e compasso (ele chega a citar a bossa nova, que vive dos sucessos compostos há algumas décadas).

O trabalho de Marquinhos, criador do Trem do Samba e da Feira das Yabás, é quase uma resposta à reflexão do colega. Assentado em duas grandes bases, a tradição que vem de religiões de matriz africana e um romantismo em nada parecido com as declarações mais esfuziantes e literais consagradas pelo pagode, o álbum lança hoje a pedra que recupera o passado e aponta para o futuro.

O eixo do trabalho está em “Verde bandeira”, composta com Luiz Carlos Máximo, um doce e lírico manifesto que reafirma o compromisso dos autores com o samba.

Nascida como resposta a uma provocação que relacionava raiz a algo ruim, subterrâneo, a canção ressalta que nada floresce sem uma semente: Sou a mangueira que dá jamelão/ Tamarineira, já fiz tradição/ Sombra e trincheira da arte guerreira/ Meu fruto é o samba.”

Também em parceria com Máximo, “Mártires dos meus sonhos” trata de um tema delicado, o pai, que na batalha para se afirmar na vida artística — história que remete à do próprio Marquinhos —, vira noites, dorme no sapato, e não consegue acompanhar como gostaria o crescimento dos filhos.

“Quem inflou seus balões?/

Quem rodou seus piões?/ Quem cuidou dos seus sonhos, pesadelos medonhos de chais e vilões?/ Quantos sambas cantei e seus sonhos não embailei?”, diz a letra. Um belíssimo e delicado lamento que leva a um tipo de ausência já abordado por Chico Buarque (citado num verso que fala em “pedaço de mim”).

O samba, que trata de uma ausência provocada pela árdua fidelidade a um projeto estético e de vida, pode ser encarado como testemunho do compromisso com o objeto de uma produção artística, a tensão entre a fidelidade e a tentação de busca de caminhos mais fáceis. Assim, faz tabelinha com o “Samba do Irajá”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, que também trata do embate entre rochedo e mar, do gosto amargo que vem dos sonhos que ficam até aquém da metade.

O álbum é aberto e fechado com canções em iorubá compostas por Marquinhos e pelo nigeriano Ekundayo Awe. “Agbo ato”, a primeira faixa, é uma expressão que trata do desejo de que algo dê certo, que joga pra frente.

Ao serem colocadas nos extremos, as duas, ambas com fortes referências africanas também no ritmo e nos arranjos, servem de moldura, avisam o que está em jogo. Não estão por lá para limitar, servem mais como referenciais; são alertas, indicações, denominações de origens demarcadas e destinos incontroláveis.

Como amarra a letra de “Raiz da memória”, que ele e Rogério Lessa fizeram para a Portela em 2021 — a composição acabaria derrotada na disputa —, o samba navega na história, encara as ondas, está pronto para ser ouvido e chegar a novas terras e rodas.

André Naves*

A linguagem como ferramenta de exclusão

A linguagem é um dos pilares fundamentais da construção social. Ela não apenas reflete a realidade, mas também a molda, influenciando percepções, comportamentos e relações humanas. Quando utilizada de forma errônea ou mal-intencionada, a linguagem pode se tornar uma ferramenta poderosa para perpetuar desigualdades, aprofundar barreiras sociais e reforçar preconceitos e estereótipos.

Esse fenômeno tem se manifestado de maneira alarmante em diversos contextos políticos, especialmente nos círculos extremistas, onde discursos excludentes e retrógrados ganham espaço, muitas vezes sob o pretexto de “liberdade de expressão” ou “eficiência produtivista”. O governo argentino, liderado por Javier Milei; e figuras como Elon Musk, com suas conexões com o governo Trump, são exemplos de como o uso inadequado da linguagem e a imposição de ideologias produtivistas podem ampliar a exclusão e a desumanização.

O caso do governo argentino, que tentou alterar a denominação das pessoas com deficiência mental para termos pejorativos e arcaicos, é emblemático. Tais termos, há mais de um século em desuso, não apenas ferem individualmente, mas também reforçam estereótipos prejudiciais. Ao associar pessoas com deficiência a ideias de incapacidade e improdutividade, o discurso oficial perpetua um entendimento reducionista que ignora a di-

versidade e a potencialidade desses indivíduos. Essa prática não é apenas um retrocesso linguístico, mas também um retrocesso social, pois reforça barreiras já existentes e dificulta a inclusão plena dessas pessoas na sociedade.

A linguagem, nesse contexto, funciona como um mecanismo de poder. Ao resgatar termos pejorativos, o governo argentino não apenas desrespeita a dignidade humana, mas também legitima uma visão de mundo que marginaliza e exclui. Esse tipo de discurso, quando adotado por figuras públicas e governos, tem o potencial de normalizar preconceitos, tornando-os parte do senso comum e, consequentemente, dificultando a luta por direitos e igualdade.

Paralelamente, a mentalidade produtivista, defendida por figuras como Elon Musk e amplamente adotada por movimentos radicais, reduz a individualidade humana à mera capacidade de gerar riqueza monetária. Essa perspectiva, que ignora outras dimensões da existência humana, como a criatividade, a solidariedade e a diversidade, é profundamente excludente. Ao valorizar apenas a produtividade econômica, essa ideologia despreza aqueles que, por diversas razões, não se encaixam nesse modelo, sejam eles pessoas com deficiência, idosos, artistas ou quaisquer indivíduos cujas contribuições para a sociedade não possam ser medidas em termos estritamente monetários.

Essa mentalidade pseu-

do-eficiente, que está na gênese do materialismo, seja ela trumpista, bolsonarista, anarcocapitalista ou representada por partidos políticos como a AfD na Alemanha, o Chega em Portugal ou o Vox na Espanha, têm raízes em uma visão de mundo que prioriza o lucro em detrimento do bem-estar humano. Ao impor uma lógica produtivista, esses movimentos e líderes políticos não apenas reforçam desigualdades, mas também promovem uma cultura de descarté, onde aqueles que não são considerados “úteis” são marginalizados e excluídos.

Não é exagero lembrar que o desdobramento ideológico dessa postura já causou tragédias imensuráveis para a humanidade. O descarte de seres humanos nas câmaras de gás, campos de concentração e massacres em massa durante o regime nazista é um exemplo extremo, mas não isolado, das consequências de uma visão de mundo que desumaniza e exclui. A linguagem desempenhou um papel crucial nesses contextos, sendo utilizada para desumanizar grupos inteiros, justificando atrocidades em nome de uma suposta “eficiência” ou “pureza”.

Hoje, embora não estejamos enfrentando exatamente os mesmos horrores, o uso errôneo da linguagem e a imposição de ideologias excludentes continuam a ter consequências profundas. A exclusão social, a miséria e o aniquilamento de possibilidades criativas e humanas são resultados diretos dessas

práticas. Quando a linguagem é usada para reforçar estereótipos e preconceitos, ela contribui para a construção de uma sociedade mais desigual e menos solidária.

Diante desse cenário, é fundamental estar atento e resistir à onda retrógrada que avança em diversos países. A luta social contra o uso errôneo da linguagem e as ideologias excludentes é uma luta pela dignidade humana e pela construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso implica não apenas denunciar práticas e discursos prejudiciais, mas também promover uma cultura de respeito e valorização da diversidade.

A linguagem tem o poder de transformar realidades, e é nosso dever utilizá-la de forma responsável e consciente. Só assim poderemos barrar o retrocesso baseado no ódio e no egoísmo, e construir um futuro em que todas as pessoas, independentemente de suas características individuais, sejam valorizadas e respeitadas. A luta contra o extremismo radical e suas práticas excludentes é, portanto, uma luta pela própria Humanidade.

***Defensor Público Federal formado em Direito pela USP, especialista em Direitos Humanos e Inclusão Social; mestre em Economia Política pela PUC/SP. Cientista político pela Hillsdale College e doutor em Economia pela Princeton University. Escritor e professor (Instagram: @andrenaves.def).**

EDITORIAL

Guerra comercial deve beneficiar Agro nacional

O Brasil deve ampliar sua liderança emergente, como fornecedor de alimentos à sua maior parceira, a China, como também deverá encarar uma demanda crescente por parte da Europa.

A previsão animadora foi emitida pelo conceituado jornal britânico Financial Times (FT), em reportagem nesse domingo (13), para quem a guerra tarifária travada, no momento, entre Estados Unidos e China, representaria uma ‘janela estratégica’ para o agronegócio tupiniquim, que tende a continuar.

Ao taxar de ‘divórcio litigioso’, a atual contenda protagonizada entre a águia ianque e o dragão chinês, o periódico britânico projeta que tal embate será suficiente para ‘redesenhar’ a economia global.

Outro reflexo positivo da treta estadunidense-mandarin seria no sentido de ‘frear’ a alta, em curso, da Selic (taxa básica de juros), apontam analistas.

Voltando às vantagens que o acirramento comercial das duas superpotências da atualidade sobre o Agro brasileiro, o jornal acentua que a produção agropecuária nacional consolida sua posição como principal fornecedora de alimentos para Pequim. “Agora, a tendência é

de que o país avance ainda mais”, acrescenta o FT.

Prosseguindo em sua análise, a reportagem do rotativo inglês destaca que as exportações brasileiras para a China já vinham em modo crescente, antes mesmo do anúncio do tarifaço do republicano Trump.

Somente a venda da carne bovina brasileira para a China, por exemplo, saltou um terço no primeiro trimestre de 2025 (1T25), no comparativo anual, ao passo que o comércio de carne de frango e soja também registraram elevação expressiva.

Da parte de Tio Sam, a reportagem chama a atenção para o fato de que os agricultores estadunidenses ainda sequer se recuperaram da guerra comercial anterior, deflagrada no primeiro governo Trump.

Sinal de que a situação nos EUA não está nada fácil, em carta aberta a Trump, a Associação Americana de Produtores de Soja solicitou ao presidente negociasse com a China, sob o argumento de que o setor havia perdido 10% de participação no mercado chinês, espaço jamais recuperado. Ao mesmo tempo, produtores brasileiros admitem que a demanda chinesa tem aumentado.

Painéis: vitória de Brasília

Quando Lúcio Costa e Oscar Niemeyer criaram a imensa obra de arte que é Brasília, grande parte da sua concepção está no que chamaram de “escala de monumentalidade”. Brasília é maravilhosa vista de perto ou vista de longe justamente por causa desse conceito.

Boa parte desse conceito reside no aproveitamento do amplo Planalto Central para a construção de uma cidade sem obstáculos visuais. Na qual, portanto, tudo pode ser admirado sem nada que polua a atenção. Sem nada que desvie o olhar ou distraia a atenção.

Os enormes, feios, de mau gosto painéis eletrônicos que se espalham pela cidade são a antítese desse conceito. Enfeiam a cidade. Nada têm de harmonia com as grandes esculturas de concreto em forma de prédio que os dois gênios da arquitetura espalharam pela cidade. Não têm a necessária elegância para serem admirados. São uma invasão brega e inoportuna dos espaços de monumentalidade de Brasília. São aquilo

que Caetano dizia em “Sampa”: “A força da grana que (...) destrói coisas belas”.

Felizmente, graças às denúncias de William França na coluna Brasilianas deste Correio da Manhã, esse crime contra o conceito monumental de Brasília está sendo contido. O Ministério Público interveio e o Departamento de Estradas de Rodagem (DER-DF) fez um acordo no qual se compromete a retirar todos esses abortos eletrônicos das vias públicas da cidade.

É uma importantíssima vitória de Brasília às vésperas de completar seus 65 anos. O lindo céu-mar de Brasília volta a ser somente o que os motoristas verão no horizonte. Suas atenções não serão mais desviadas para pseudo-notícias e feias propagandas.

Que a determinação do Ministério Público sirva de exemplo para que os conceitos e regras dessa linda senhora de 65 anos sejam sempre respeitados. E nunca mais venham a ser corrompidos.

Opinião do leitor

Brasília, 65 anos

Quero lembrar a todos que Brasília comemora aniversário dia 21 de abril. É igual coração de mãe: sempre cabe mais um. A cidade, dividida entre nativos e pessoas de outros estados, completa 65 anos. Parabéns Brasília, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, sexagenária com um jeito peculiar e poderosa nas decisões do país.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: VARGAS FAZ VISITA AO PRESIDENTE WASHINGTON LUÍS

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de abril de 1930 foram: Conselho de ministros espanhol se reúne pela primeira vez

com o rei Alfonso XIII. Incêndio de grandes proporções destrói um cinema na Escócia, com 80 crianças dentro. Governo mexicano pode au-

mentar a taxa do café brasileiro. Batalha em prisão nos EUA dura sete horas. Getúlio Vargas faz uma visita ao presidente Washington Luís.

HÁ 75 ANOS: SEM DÓLAR, BRASIL NÃO RECEBE TRANSATLÂNTICOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de abril de 1950 foram: Contra-Almirante Antonio Leal de Magalhães entra com

mandado de segurança no STF contra a decisão de Dutra de não promovê-lo a capitão-de-mar-e-guerra. Escassez de dólar faz transatlânticos

não aportarem no Brasil. Prefeitura do Distrito Federal pede a retirada dos cartazes do MNP espalhados pela cidade.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier,
Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.